

MARCADORES DE TRANSIÇÃO ENTRE TRADIÇÃO ORAL E TRADIÇÃO ESCRITA EM NARRATIVAS ORAIS

MARKERS OF TRANSITION BETWEEN ORAL AND WRITTEN TRADITIONS THROUGH ORAL NARRATIVES

Renato Wanderley Menghi¹
renatomenghi@hotmail.com
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Valdir Vegini²
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

RESUMO: As narrativas, em geral, são elementos significativos da memória coletiva e unidades constituintes das redes de conhecimentos que fornecem sentidos, coesão e coerência à identidade social de um grupo. Elas são mídias portadoras de experiências e se manifestam por meio da tradição oral, que é alimentada pela troca verbal de informações: “fala-se da boca para o ouvido diretamente”; ou por meio da tradição escrita, que é alimentada por documentos que pressupõem a ideia de permanência de dados com suporte midiático adequado e que exigem a capacidade de leitura do código utilizado. As narrativas sobre a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré expressam a tradição cultural do povo portovelhense e se manifestam por meio da tradição oral e da tradição escrita. Neste artigo, a partir de narrativas sobre a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré contadas por dois informantes, procura-se definir mecanismos de distinção para os fenômenos de transição de perspectivas que ocorrem nas narrações: ora da tradição oral para a tradição escrita, ora da tradição escrita para a oral. Por meio de análises que levam em conta elementos fundamentais dessas tradições são apontados marcadores capazes de evidenciarem quando as transições ocorrem, os sentidos de suas ocorrências e como se evidenciam as tendências dos narradores para uma ou outra tradição.

Palavras-chave: Narrativas orais. Tradição oral. Tradição escrita. Marcadores de transição. Memória coletiva.

ABSTRACT: In general, narratives are significant elements of collective memory and the constituent units of knowledge networks that provide directions, cohesion and coherence to the social identity of a group. They are a kind of *media* that transport experiences and manifest themselves through oral tradition, which is powered by the verbal exchange of information: “speaking from the mouth to the ear directly” or through the written tradition, which is fed by documents that presuppose the idea of permanent supported *data media*, requiring an appropriate materiality and readability of the code used. The narratives on the Madeira-Mamore Railway express the cultural tradition of the people of Porto Velho and are manifested through oral and written tradition. In this article, from narratives about the Madeira-Mamore Railway told by two informants, we try to define mechanisms of distinction for the phenomena of transition perspectives that occur in the accounts: either from oral to written tradition, or the written to oral tradition. Through analyzes that take into account key elements of these traditions we point markers capable of evidencing when transitions occur, the senses of its occurrences and how to show the trends of the narrators to one or another tradition.

Keywords: Oral Narratives. Oral Tradition. Written Tradition. Transition Markers. Collective Memory.

1. INTRODUÇÃO

As narrativas se originam das experiências individuais e coletivas nos grupos sociais e também brotam dos contatos entre as diversas culturas. A matéria prima das narrativas,

¹ Mestrando em Letras (2011) pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

² Professor Doutor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Orientador da pesquisa.

seguindo uma visão junguiana, é formada pelas experiências dos ancestrais que se fundiram nos arquétipos, que são as características arcaicas, ou imagens primordiais que fundamentam grande parte dos comportamentos das pessoas, principalmente os comportamentos mais instintivos e as fantasias criativas (Cf. MORAES, 2002, p.20; JUNG, 2000, p. 90). Nos contatos entre as diversas culturas, além da introdução de outras narrativas que passam a figurar na rede de conhecimentos do grupo, também ocorrem variações e supressões. Sobre isso, é importante conhecer os pensamentos de Joseph Campbell e Mikhail Bakhtin (ARAÚJO, 1999, p. 168).

Ferreira Netto (2008, p. 18) tratando do conceito de identidade social afirma que “as narrativas são fenômenos importantes na manutenção dessa identidade [...]”, uma vez que são elementos significativos de uma complexa rede de signos e sinais culturais que fornecem critérios de avaliação social. Dessa forma, pode-se afirmar que as narrativas enquanto elementos significativos da memória coletiva de um grupo formam uma rede de conhecimentos que fornecem sentidos de coesão e coerência à identidade social do grupo.

Segundo Ferreira Netto (2008, p. 19), monumentos e documentos são os veículos que manifestam os elementos da rede de signos e sinais culturais do grupo. Citando LeGoff (1990), ele destaca que monumentos são mídias utilizadas pela sociedade para enfatizar os sinais culturais e elas se constituem desde certos nomes de pessoas, ou de ruas e bairros, até pinturas, esculturas e muitos outros meios. Os monumentos atuam como disparadores de lembranças de narrativas institucionalizadas pela memória coletiva.

A noção de documento pressupõe a ideia de permanência de dados com suporte midiático adequado, de forma que o acesso a eles exige a capacidade de leitura do código utilizado nessas mídias. Situação diferente do caso dos monumentos, que são disparadores de lembranças mais facilmente acessados, porque demandam apenas a simples compreensão das narrativas a que se referem.

A respeito de memória coletiva, Halbwachs (1990 apud FERREIRA NETTO, 2008, p. 29) estabeleceu certas distinções que podem cooperar com o estudo e compreensão da identidade social a partir de narrativas orais. Segundo esse teórico, há três tipos de memória: individual, coletiva e histórica. A primeira deriva das relações diretas entre indivíduos e fatos, a segunda é o conjunto das memórias individuais e a terceira é a memória registrada em documentos, com a intenção de reconstrução exata do passado.

A memória individual resulta do amalgamento de diversas outras memórias individuais, uma vez que a memória de um indivíduo é a síntese de suas experiências, o que

inclui sua vida social. “A memória coletiva que subjaz a todas as memórias individuais atua, portanto, como um conjunto de referências interpessoais que estabelece a unidade do grupo portador dessas mesmas referências” (FERREIRA NETTO, 2008, p. 31). A memória histórica e a memória coletiva se diferenciam quanto às mídias portadoras da experiência. A memória coletiva resulta da troca verbal de informações: “fala-se da boca para o ouvido diretamente”, enquanto a memória histórica está intimamente ligada à introdução da escrita.

Quanto à distinção das mídias portadoras de experiência, segundo Ferreira Netto (2008, p. 36), ela pode se dar “a partir das noções de tradição oral e tradição escrita”, levando-se em conta que essa distinção pressupõe compreender que para o conceito de tradição oral também é possível distinguir entre uma oralidade primária, caso em que não atua nenhuma influência da tradição escrita sobre a oralidade, e a verbalização escrita, caso em que a oralidade aparece afetada pelas influências da escrita.

O autor, citando Halbwachs (1990), Ong (1998) e Goody e Watt (2006) demonstra que essa distinção deve ser feita para culturas em que não haja nenhuma tradição escrita de outras em que a tradição escrita afeta a oralidade das pessoas. Neste último caso, a tradição oral se manifestaria como verbalização escrita.

Este artigo tem como objeto de análise duas narrativas que derivam da frase “cada dormente representa uma vida humana”. Essa frase tem se constituído numa fonte para a geração de diversas narrativas que retratam a importância da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré³ para o sentido de identidade social de um grupo específico: o povo portovelhense.

O objetivo deste estudo foi traçado no sentido de se poder perceber como se inserem elementos da tradição oral e da tradição escrita em narrativas que tratam de aspectos tradicionais da cultura popular de um grupo social, de forma a se poder demonstrar que existem certos marcadores capazes de evidenciar as transições entre tradição oral e tradição escrita, ou vice-versa, nas falas dos narradores. Quando o narrador se aproxima ou se afasta mais da tradição oral ou mais da tradição escrita em sua exposição, esses marcadores podem ser observados e apontados.

A organização do artigo segue da seguinte forma: primeiramente, apresenta-se a metodologia do estudo realizado; em seguida, trata-se da importância da EFMM para a constituição cultural da cidade e do seu povo; depois, são tecidos comentários sobre a frase “cada dormente dessa estrada representa uma vida humana”, a fim de se destacar sua importância como fonte desencadeadora de narrativas que podem evidenciar traços da

³ Também será utilizada a sigla EFMM para se designar Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

tradição oral e da tradição escrita que alimentam a rede de signos e significados culturais da identidade social portovelhense; após isso, apresenta-se o registro dos depoimentos dos narradores pesquisados; na seção seguinte, apresenta-se a análise dessas narrativas, procurando demonstrar os marcadores de transição entre tradição oral e tradição escrita; por fim, encerrando as exposições desse estudo, são dispostas as considerações finais.

2. METODOLOGIA ADOTADA PARA O ESTUDO

As narrativas foram colhidas em entrevistas gravadas nas casas dos entrevistados, no intuito de se ater ao universo próprio dos narradores. Poucas perguntas foram formuladas, permitindo que os entrevistados tivessem mais liberdade para relatar suas histórias.

Os entrevistados foram escolhidos levando-se em conta aspectos de distinção e de aproximação entre eles. Como fator distintivo se procurou classificar suas tendências mais para a tradição oral ou mais para a tradição escrita. Assim, foi selecionado como primeiro entrevistado o Sr. Luciano, que é filho de um antigo operário da Estrada de Ferro e morador da vila que fica entre os trilhos da Estrada e o Rio Madeira, onde estão estacionadas, há muitos anos, as antigas locomotivas. Ele é possuidor e doador de grande acervo de peças, ferramentas, maquinários, fotografias e outros objetos que podem ser vistos como monumentos que registram a história da EFMM.

O segundo entrevistado, o Sr. Antônio, é um pesquisador da memória histórica da cidade e do povo portovelhense, sendo autor de livros e artigos sobre o assunto. Dessa forma, é possível identificar facilmente a tendência de um para a tradição oral e a tendência de outro para a tradição escrita.

O fator aproximativo entre ambos é que possuem muitas lembranças sobre a Estrada e se caracterizam como pessoas que mantêm grande interesse por assuntos ligados à identidade social portovelhense.

A frase “cada dormente representa uma vida humana” norteou as entrevistas. A partir desse enunciado se procurou conhecer o pensamento dos entrevistados sobre como ela poderia influir na visão de identidade social do povo portovelhense. Nas duas entrevistas a questão trouxe à tona histórias tradicionais sobre aparições fantasmagóricas.

O registro dos depoimentos dos narradores não levou em conta exatamente as falas originais dos informantes, com seus aspectos fonéticos e morfossintáticos distintos, mas apenas aproximações dos seus modos originais de fala, no intuito de facilitar a leitura.

A análise do conteúdo dos depoimentos procurou ressaltar aspectos que evidenciam as tendências à tradição oral ou a tradição escrita, bem como a transição de uma tendência para outra dentro de uma mesma narrativa. Para isso, certos critérios foram adotados com a intenção de apontar mais marcadamente essas tendências e as transições, a isso se chamou de marcadores de transição.

Um desses marcadores se evidencia pelas formas de funcionamento das flexões verbais no jogo que os narradores produzem com a temporalidade dos fatos e na forma como situam sua própria presença e experiências em relação aos fatos narrados, ou seja, como se inserem em suas narrativas enquanto entidades participantes dos fatos. Portanto, as flexões verbais podem apontar o jogo com a temporalidade dos fatos e o lugar do narrador no contexto de sua narrativa.

O outro marcador de transição se refere aos elementos de mistérios nessas narrativas. A tradição oral valoriza os elementos de mistérios, a tradição escrita procura desmistificar a história, relegando esses elementos ao campo da superstição.

Por fim, no cotejo entre as duas fontes, procurou-se detectar as influências da tradição oral e da tradição escrita em suas narrações, de forma a se poder perceber mais claramente quando e como cada narrador transita entre as duas tendências. Assim, passou-se a perceber que numa mesma narrativa o narrador transita entre as tradições orais e a escrita, de acordo com sua identificação com o contexto narrado, e também pelo interesse em se poder autenticar suas afirmações conforme cada tradição.

3. A EFMM E SUAS RELAÇÕES COM A CIDADE E O POVO

O povo que veio habitar as margens do Rio Madeira, e que se constituiu dos primeiros moradores da cidade de Porto Velho, foi atraído por dois fatores principais: a extração da borracha e a construção da Estrada. A fundação da cidade acontece por causa da EFMM e as histórias sobre as dificuldades de sua construção, e das mortes originadas por conta disso, vão compondo a base histórica institucionalizada socialmente, como também o imaginário dos habitantes.

Há na cidade diversos monumentos que têm a função de manter viva a lembrança da Ferrovia. Em conformidade ao que Ferreira Netto (2008, p. 19) apresenta como noção de monumentos, eles podem ser vistos a partir de certos nomes próprios ligados à história da EFMM, como também em nomes de ruas e bairros e, ainda, na produção artística regional

manifestada em pinturas, esculturas e outros. As peças, as ferramentas, os maquinários, assim como muitas edificações da parte mais antiga da cidade, também compõem esse conjunto de monumentos da EFMM. Dessa forma, toda uma densa parte da rede de signos e sinais culturais que evidenciam os traços da identidade social do povo portovelhense se compõe pela presença da EFMM.

O conjunto de documentos, que ao lado dos monumentos constituem igualmente a rede de signos e sinais culturais desse grupo, tem na EFMM sua principal referência. Além do grande acervo de contratos, recibos, acordos, memorandos e diversos outros materiais análogos a esses que resistiram ao tempo e estão catalogados em museus ou arquivados em instituições, há também uma rica bibliografia sobre a EFMM e toda uma composição pedagógica a seu respeito, que é ensinada nas escolas e que se fixa à noção de história da região.

Assim, grande parte da memória histórica do povo portovelhense possui ligações profundas com a EFMM e se manifesta materializada nessas mídias. Mas, além de tudo isso, há ainda um patrimônio incalculável de narrativas entre os moradores, e essas narrativas não apenas contam versões sobre a história, mas incluem as relações particulares dos moradores com a EFMM. Disso se constitui grande parte da memória individual de muitas pessoas, que somadas dão forma a uma parte substancial da memória coletiva desse grupo social.

4. “CADA DORMENTE REPRESENTA UMA VIDA HUMANA”

Em seguida, são apresentadas as duas versões para a assimilação dessa frase, que é muito difundida na cidade e bastante representativa para o significado histórico da EFMM entre o povo portovelhense, principalmente entre as gerações anteriores aos grandes fluxos migratórios que têm desencadeado as mais recentes expansões demográficas, como, por exemplo, a que se deu no fim da última década do presente século, em que se iniciaram as obras de duas grandes usinas hidrelétricas na região. Esse fato tem atraído migrantes de diversas regiões do país e passa a promover uma reviravolta na rede de sinais culturais.

A frase supracitada se tornou emblemática de toda uma visão sobre a EFMM e sua história, e pode, seguindo uma conceituação emprestada da Literatura Oral, ser vista como elemento da tradição do povo portovelhense: “A tradição reúne elementos de histórias e de histórias popular, anedotas reais ou sucessos imaginários, críticas sociais, vestígios de lendas,

amalgamados, confusos, díspares, na memória geral. Confundem com certas superstições” (CASCUDO, 2001, p. 53).

À parte de outros documentos que a registrem, o livro *A Ferrovia do Diabo*, de Manoel R. Ferreira (2005), tornou-se uma importante fonte da tradição escrita que apresenta, além da autoria e do contexto em que ela surgiu, também uma série de considerações a seu respeito, tais como críticas à sua aplicação no sentido desejado tanto pelo enunciador como por compreensões populares que a tomaram “ao pé da letra”.

Com a finalidade de não tornar muito extenso este artigo, não se fará aqui a transcrição da parte da obra de Ferreira (2005) que discorre sobre a frase e sobre as considerações a seu respeito, mas é importante pontuar que o autor enfatiza o lado ilógico dela, procurando desmistificar a interpretação “*ipsis literis*”, vista, muitas vezes, na compreensão popular do caso. Isso ele faz, principalmente, apresentando cálculos sobre o número de dormentes e do número provável de trabalhadores que precisariam ter falecido na construção para estarem soterrados abaixo de cada um deles.

5. OS DEPOIMENTOS DOS ENTREVISTADOS

5.1 Depoimento do Informante A

Rapaz! Eu? Desde criança, o pessoal fala isso. Diz que cada dormente é um operário que morreu nessa Estrada de Ferro. [...] Ah... É por causa de muita doença, né? Era febre amarela, né? É... Era malária, daquela época, né? Aí, o pessoal pegava muito aquela febre amarela, né? O pessoal chamava. Né? Aquele paludismo, né? Que era malária... Que hoje é malária. Que era peludismo. Paludismo, né? Aí, diz que morria muita gente. [...] Assombração? Não! Realmente, aqui não tem não, né? Mas a gente vê. Lá em casa, daquela que vai ali até a direção numa pracinha que tem ali, vez em quando, vem uma luz de lá pra cá e volta pra lá. Uma casinha que ele tava fazendo bem aqui, é por isso que ele parou de fazer, de construir. Até recente a gente vê. De vez em quando, no escuro, a gente vê. [...] é uma luzinha... Uma luz assim... Parecendo assim uma lanterna que vai focando até lá e volta pra cá e volta pra lá. Se tu olhar bem reto pra aquele pé de cajazeira que tem aqui assim, ó, tem um parque de cimento, entendeu? Agora, já quebraram no meio, por causa que passava a tubulação de água. Aí, ela saía daqui e ia lá por dentro daquela casa veia e voltava pra cá e de cá ela voltava pra lá, e de lá ela apagava lá dentro. [...] Não, dessa aí eu não sei não. Eu sei dessa daqui, né, Bosco, da... Da linha de ferro, que diz que... Que de uma vez teve, de

noite, o pessoal diz que viu o trem andar e foi ver e não tinha trem nenhum. [...] Essa... Essa eu vi. Essa... Essa eu já vi. Você vê aquela luizona forte de trem, de noite, do trem andando no meio do trilho. Você ficava esperando e saía pra ele passar, e não passava trem e não passava nada. Só o barulho. [...] Eu nunca vi não, né? Mas, daqui, daqui eu já vi o terceiro poste daqui pra lá, ó... Pegando fogo de baixo até em cima. Isso eu já vi. Eu, Terezinha, minha esposa. A gente vinha chegando da rua, de noite, tarde da noite, aí eu cheguei “olha amor aquele poste, pegando fogo”. Aí eu deixei a moto lá e corri. Até de moto. E fui ver o que tava pegando fogo lá. Cheguei lá não tinha nada. Só tava só o poste mesmo. [...] Ó! A casa é aquela ali... Ali. Sai de lá de dentro, vai lá e volta. Eu já vi e o pessoal de casa tudo já viu. Tá? Eu já vi. A Esmeralda já viu, os meus filhos já viram. Essa “luiz” a gente já viu. E a zoada de trem na Estrada de Ferro também a gente já viu. E esse poste lá, pegando fogo lá, também a gente já vimos. “viu, mana!” “Eu tava contando da “luizinha” que a gente viu ali, né?” todo mundo viu, sai de dentro daquela casa vai lá e volta. Isso a gente viu. E o trem andando no trilho a gente já viu também a zoada. Não viu o trem, mas a zoada a gente já viu. E aquele poste lá pegando fogo, eu vi. Aquilo lá, a gente viu. Entendeu? Porque eu nasci aqui, ó. Nesse local. Eu sou daqui mesmo.

5.2 Depoimento do Informante B

Os fantasmas da Estrada de ferro? Isso aí, a turma fala que acontecia aparições de pessoas... De pessoas parando o trem. Naquela época o trem parava pra pegar determinadas... É... Determinados passageiros... Então, quem queria viajar de Porto Velho pra Guajará-Mirim, sabia a hora que o trem passava... Então, ficava na beira da linha, fazia sinal, o trem parava. Era o ônibus da região... Da localidade da Estrada de Ferro... E então, dizem que aparecia... Dizem que à noite aparecia... Mas não é do meu conhecimento que o trem andasse à noite, àquela época. Pois pernoitava em abunã. Mas dizem que à noite, de vez em quando, andava o trem, e acontecia de alguém pedir passagem, e quando o cobrador ia... Quando ia pedir o bilhete de passagem dele, ele dizia: “não!” “Eu já paguei com a minha vida quando eu construí isso aqui” Era um fantasma abusado... (risos)... Então, dizem que existia isso aí.

Existe muita história, muita lenda que morreu muita gente na Estrada. Mas, a verdade, é que... É que se inventou esse mito, porque na época da construção, houve no Rio de Janeiro uma disputa política muito grande, porque uns queriam a Estrada de Ferro, outros não queriam, e isso continuou durante a construção e até depois da construção. [...]

Não, um grupo político, né? [...] No Rio de Janeiro, né? É porque eles eram contra... porque eles achavam que era uma obra muito cara e que não ia ter... Não tinha uma finalidade comercial pra justificar uma estrada de ferro tão grande... Porque ela saiu mais cara que determinadas estradas do Sul do País. Então, tinha um grupo que era contra isso aí. Que se gastasse tanto dinheiro por uma obra que não ia ter um retorno que compensasse a construção. Então, nessa... Nessa disputa, ééé... O senador, ééé... Alegou né? Que o preço era tão grande, com as vidas que se perderam. Já depois da estrada construída, porque a companhia cobrava determinadas coisas que não foram... que não estavam no contrato de construção, mas que foram autorizadas pelo governo... Ele começou a cobrar, e o governo fez pé pra não pagar, e havia aquela disputa: paga não paga, paga não paga. Inclusive, houve determinadas comissões criadas pelo... Pelo governo e aceitas pela Estrada de Ferro. O Rondon⁴ foi um dos escolhidos pelo governo pra decidir se o governo pagava ou não... Ele foi escolhido tanto pelo governo como pela Estrada de Ferro pra decidir se o governo pagava ou não. Eles queriam quarenta mil Contos de Réis na época, né? E o Rondon, é... E o Rondon, disse... Decidiu lá, e tal... Analisou lá e tal... E falou que o Brasil devia pagar dez mil. E a Estrada de Ferro aceitou. Né? Mesmo assim, o governo não pagou (risos). Veio pagar só depois, né? Então, havia essa disputa muito grande. E num... E num desses pronunciamentos lá, o senador disse que essa Estrada tinha consumido tanto dinheiro e tantas vidas humanas, que os trilhos da Estrada de Ferro podiam ser substituídos pelas vidas humanas que se perderam na construção dessa Estrada de Ferro. Ou seja, é um absurdo, né? A afirmação dele é apenas uma força de expressão. Né? Mas que daí, nasceu essa ideia. É como dizem também que os trilhos poderiam ser... Poderiam ser... Que era uma estrada tão cara que poderia ser construída com trilhos de ouro. O que também não é verdade, porque se fosse... É, é... Se você analisar, daria pra mil e duzentos metros de trilhos, quer dizer, se fossem comprar ouro pra fazer os trilhos, naquela época, os trilhos de ouro que eles conseguiriam fazer seriam só mil duzentos e poucos metros de trilhos, que não eram nada. Os dormentes. Se for analisar que cada quilômetro tem mil e quinhentos dormentes... É... É... Seriam quatrocentos e cinquenta mil e poucos dormentes, quer dizer: não tinha como morrer quatrocentos e cinquenta mil pessoas aqui numa construção dessas. Quer dizer, então, a gente verifica que é uma força de expressão que caiu no... É... No popular. E foi ficando. Foi daí que vem a história da ferrovia do diabo. É porque dizem que Santo Antônio era tão

⁴ Marechal Cândido Rondon.

miserável, tão doentio, tão ruim, e que não prestava pra nada, que o diabo tinha saído de lá correndo e tinha perdido as botas, né? (risos) É isso, né?

6. COMENTÁRIOS AOS DEPOIMENTOS

Nos depoimentos do informante A, o narrador participa dos fatos narrados. A narrativa é conduzida em primeira pessoa e os tempos verbais realizam uma relação temporal em que passado e presente se encaixam na história como uma continuidade harmoniosa: os fatos do passado justificam os acontecimentos atuais. Não há juízos de valor sobre as crenças, mas uma manifesta intenção de se adaptar a elas. Entretanto, semelhantemente ao depoimento do informante B, também nesse relato é possível perceber transições entre a tradição oral e a tradição escrita, na forma como o narrador se posiciona no enredo.

Nos depoimentos do informante B, o narrador é alguém que analisa um contexto de fatos sucedidos sem, entretanto, fazer parte da narrativa. Os tempos verbais estão no passado e os pronomes em terceira pessoa, de forma que o narrador conduz o enredo se colocando de fora da narrativa. Ele não participou dos fatos, mas os conhece e se sente autorizado a discorrer sobre eles, porque se ampara numa autoridade que lhe vem da tradição escrita. Isso o qualifica não somente para conduzir a narrativa, mas também para emitir juízos de valor sobre as experiências e crenças de outros. Em muitos momentos de sua narração, porém, pode-se perceber que ele está transitando entre elementos da tradição Oral e da tradição escrita.

A seguir, são apontados por meio de excertos retirados das narrativas os marcadores que indicam os movimentos que podem ser vistos como critérios capazes de apontar as diferenças entre tendências derivadas da tradição oral e as derivadas da tradição escrita.

NARRATIVA DO INFORMANTE A	COMENTÁRIOS	NARRATIVA DO INFORMANTE B	COMENTÁRIOS
<i>Rapaz! Eu? Desde criança, o pessoal fala isso. Diz que cada dormente é um operário que morreu nessa Estrada de Ferro.</i>	Há traços da T. O., porém, o narrador ainda não se insere plenamente na narrativa, somente reproduz aspectos da tradição recebida. Não se posiciona claramente em sua perspectiva (oral ou	<i>Os fantasmas da Estrada de ferro? Isso aí, a turma fala que acontecia aparições de pessoas... De pessoas parando o trem.</i>	Traços da T. O. ⁵ apresentados sob a perspectiva de um narrador da tradição escrita. O narrador apresenta uma informação, mas delega a função enunciativa a outros.

⁵ T. O. = tradição oral – T. E. = tradição escrita.

	escrita?).		
<i>É por causa de muita doença, né? Era febre amarela, né?</i>	O narrador parece querer evidenciar um registro histórico, ao apontar as causas certas para os fatos das mortes dos operários. Isso pode ser tido como um traço de T.E.	<i>Naquela época o trem parava pra pegar determinadas...</i>	A marcação de tempo “naquela época” não aponta uma data precisa, mas referencia um passado ancestral, o que pode ser visto como uma marca da T. O.
<i>Assombração? Não! Realmente, aqui não tem não, né? Mas a gente vê.</i>	A contradição pode demonstrar a necessidade do narrador de se inserir em fatos que seguem pelos caminhos da T. O. Oficialmente (T. E.) não há assombrações, mas para se tornar um habilitado narrador das experiências do vilarejo, o narrador, aos poucos, vai assumindo as experiências das aparições e se inserindo na narrativa.	<i>E então, dizem que aparecia... Dizem que à noite aparecia... Mas não é do meu conhecimento que o trem andasse à noite, àquela época. Pois pernoitava em abunã.</i>	Os verbos em terceira pessoa indicam um narrador exterior aos acontecimentos, e a informação sobre onde o trem parava à noite, separa na narração os enunciados da T.O. dos enunciados da T.E.
<i>De vez em quando, no escuro, a gente vê. [...] é uma luizinha... Uma luiz assim... Parecendo assim uma lanterna que vai focando até lá e volta pra cá e volta pra lá.</i>	Nesses relatos, as aparições não cobram nada, não aterrorizam, são apenas presenças misteriosas que convivem com as pessoas do lugar. O elemento misterioso é mais comum à T.O.	<i>Quando ia pedir o bilhete de passagem dele, ele dizia: “não!” “Eu já paguei com a minha vida quando eu construí isso aqui”</i>	Em ambos os depoimentos, as aparições fantasmagóricas são apresentadas com os aspectos da T.O., mas, neste caso, os fantasmas da Estrada se comunicam com o mundo dos vivos como numa espécie de cobrança ou para aterrorizá-los. Há um fundo moralista e uma condição de confrontação entre vivos e mortos.
<i>Não, dessa aí eu não sei não. Eu sei dessa daqui, né, Bosco, da... Da linha de ferro, que diz que... Que de uma vez teve, de noite, o pessoal diz que viu o trem andar e foi ver e não tinha trem nenhum. [...] Essa... Essa eu vi. Essa... Essa</i>	A partir desse ponto, o narrador adentra mais convictamente o terreno da T.O., fazendo-se um com aqueles que têm a experiência dos acontecimentos narrados. As experiências vividas vão se tornando mais	<i>Existe muita história, muita lenda que morreu muita gente na Estrada.</i>	A partir desse ponto, o narrador abandona totalmente a T.O., separando-a de vez da T.E. e relegando-a a categoria de “lenda”, num sentido pejorativo, como narrativa sem base documental e supersticiosa.

<i>eu já vi.</i>	espetaculares.		
<i>Essa... Essa eu já vi. Você vê aquela luizona forte de trem, de noite, do trem andando no meio do trilho. Você ficava esperando e saía pra ele passar, e não passava trem e não passava nada. Só o barulho. [...] Eu nunca vi não, né?</i>	Embora o narrador já tenha se colocado na perspectiva da T.O., ainda se percebe, entretanto, certa relutância em admitir plenamente suas experiências e abandonar completamente a visão própria da T.E.	<i>Mas, a verdade, é que... É que se inventou esse mito, porque na época da construção, houve no Rio de Janeiro uma disputa política muito grande, porque uns queriam a Estrada de Ferro, outros não queriam...</i>	O narrador assume aspectos da memória histórica, abandona a fonte de enunciação de T.O. e assume o encargo de revelar a verdade sobre os fatos com a autoridade da T.E.
<i>Eu já vi e o pessoal de casa tudo já viu. Tá? Eu já vi. A Esmeralda já viu, os meus filhos já viram. Essa “luiz” a gente já viu. E a zoada de trem na Estrada de Ferro, também, a gente já viu. E esse poste lá, pegando fogo lá, também a gente já vimos. [...] Porque eu nasci aqui, ó. Nesse local. Eu sou daqui mesmo.</i>	Ao enfatizar suas experiências na narrativa, ocorre a autenticação de suas afirmações por meio da proximidade com os fatos e experiências. Assim insere-se no contexto dos moradores do lugar e adere totalmente à versão da frase “cada dormite representa uma vida humana” de acordo com a perspectiva da T.O.	<i>Seriam quatrocentos e cinquenta mil e poucos dormentes, quer dizer: não tinha como morrer quatrocentos e cinquenta mil pessoas aqui numa construção dessas. Quer dizer, então, a gente verifica que é uma força de expressão que caiu no... É... No popular. E foi ficando.</i>	Ao final do seu depoimento, o informante B, que tinha iniciado suas narrativas alternando traços da T.O. e da T.E. encerra seus argumentos se utilizando das proposições do livro de Manuel R. Ferreira (2005) e, desta forma, autenticando seus posicionamentos por meio da memória histórica.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em consonância com o que ficou estabelecido no início deste artigo, o foco da análise realizada se concentrou na observação de como são inseridos os elementos da tradição oral e da tradição escrita em narrativas que tratam de aspectos tradicionais da cultura popular de um grupo social e, a partir disso, buscou-se demonstrar que existem certos marcadores capazes de evidenciar as transições entre tradição oral e tradição escrita, ou vice-versa, nas falas dos narradores.

Da análise das narrativas apresentadas no corpo do trabalho, é possível perceber que os narradores transitam entre a tradição oral e a tradição escrita utilizando pronomes e flexões verbais para posicionar os aspectos de temporalidade e a posição diegética⁶ do narrador. A narração que segue as tendências da tradição oral demonstra um narrador intradieético, apresentando fatos ocorridos num tempo, não necessariamente determinado (tempo ancestral), que influenciam diretamente as experiências do narrador. Por outro lado, a narração, segundo as tendências da tradição escrita, demonstra um narrador extradieético, apresentando fatos sucedidos num tempo determinado (tempo histórico), possuidores de valor social, mas que não influenciam necessariamente as experiências do narrador.

Na tradição escrita, o tempo passado não é retomado pela experiência, mas sua lembrança é continuamente revisitada no estudo histórico e nas práticas sociais institucionalizadas. Os fatos e experiências são revisitados pela memória histórica, mas não novamente experienciados. Na tradição oral, ocorre como descreve Giddens (1990, apud HALL, 2000, p. 14-15): “A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes”. Por isso, o tempo na tradição oral é indeterminado quanto ao passado, mas apresenta uma visão de continuidade em relação ao presente e ao futuro. Dessa forma, as experiências ancestrais fazem parte da tradição e são continuamente revisitadas e revividas.

O outro aspecto levantado na análise, que demonstra um trânsito entre a tradição oral e a tradição escrita nas falas dos narradores, diz respeito aos elementos de mistificação ou de desmistificação das experiências. A tradição escrita apresenta um narrador mais afastado dos fatos sobre os quais discorre, enquanto que na narração tendente à tradição oral há necessidade de maior aproximação quanto aos fatos apresentados. Isso ocorre porque o que autentica o narrador na tradição escrita são os documentos, que dão acesso ao conhecimento dos fatos, ao passo que para as narrativas tradicionais, desencadeadas pela tradição oral, o que autentica o narrador é o seu envolvimento pessoal com os fatos e experiências, ou, pelo menos, com o contexto social, temporal e espacial em que eles surgem. Em outras palavras, o que autentica os relatos do narrador é o fato de que ele se encaixa entre os que têm a experiência, pois está entre o grupo, no lugar e tempo em que os fatos se dão.

⁶ A posição diegética diz respeito ao lugar do narrador na narrativa. Extradieética: o narrador não participa da história, somente narra os acontecimentos; intradieética: o narrador participa dos fatos sobre os quais discorre.

Na narração do informante A, observa-se várias contradições. Isso ocorre porque no início de sua narrativa seu texto tende a apresentar uma perspectiva de leitura da frase “cada dormente representa uma vida humana” segundo a tradição escrita. À medida que seu relato exige maior afinidade com o contexto social sobre o qual discorre, as contradições sinalizam a transição até que passa a aderir completamente a perspectiva da tradição oral, quando relata ter suas próprias experiências com as aparições que ocorrem no vilarejo.

A questão da veracidade sobre os fatos narrados é um conceito importante para as narrativas que se orientam pela tradição escrita; quanto às narrativas da tradição oral, a veracidade deve ser concebida numa relação entre o fato relatado e o contexto social em que ele ocorre. Assim, as contradições do informante A demonstram que ele faz a transição entre tradição escrita e oral, demonstrando veracidade em sua narração como informante da tradição oral a partir do momento em que expressa seu próprio mundo: “*Porque eu nasci aqui, ó. Nesse local. Eu sou daqui mesmo*”.

Na fala do informante B, aparece a frase: “*É que se inventou esse mito [...]*”. Isso pode ser visto como uma necessidade da narração segundo a tradição escrita: desmistificar experiências não comprovadas por documentos que fundamentam a memória histórica.

Ao final da análise, o que se pode observar é que a utilização dos pronomes e das flexões verbais para posicionar os aspectos de temporalidade e a posição diegética do narrador, e o fator da mistificação ou desmistificação dos elementos tradicionais, que se evidenciam por meio da aproximação dos fatos e experiências para se adequar às exigências de conformidade ao contexto social, ou do afastamento deles para se adequar aos documentos que registram a memória histórica, podem ser vistos como marcadores capazes de levar a percepção das transições entre tradição oral e tradição escrita que ocorrem, muitas vezes, numa mesma narrativa ou em narrativas que se assemelhem quanto ao objeto dos relatos.

8. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Vera Lúcia Romariz Correia de. **Palavra de Deuses, Memória de Homens: diálogo de culturas na ficção de Adonias Filho**. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=ukutqJYSPDUC&printsec=frontcover&dq=inauthor:%22Vera+Lúcia+Romariz+Correia+de+Araújo%22&hl=pt-BR&ei=hNT070F6bw0gGRhtmEBw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CC0Q6AEwAA#v=onepage&q&f=false Acesso em: 19 ago 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2006

FERREIRA, Manoel R. **A Ferrovia do Diabo**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Tradição Oral e Produção de Narrativas**. São Paulo: Paulistana, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JUNG, Carl Gustave. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Disponível em: <<http://www.safihquelbert.com/livros-e-artigos/Os-Arquetipos-e-o-Inconsciente-Coletivo.pdf>> Acesso em: 22 ago 2011.

MORAES, Renate Jost de. **As Chaves do Inconsciente**. 18 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.